

USO MÍSTICO, MÁGICO E MEDICINAL DE PLANTAS NOS RITUAIS RELIGIOSOS DE CANDOMBLÉ NO AGRESTE ALAGOANO

Larissa Nascimento **SÁTIRO**^{1*}; Jadla Higino **VIEIRA**²; Dougllas Ferreira da **ROCHA**²

¹Professora Adjunta da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Avenida Manoel Severino Barbosa – Bom Sucesso, Arapiraca – AL, 57309-005. *Autor correspondente. E-mail: larisatiro@hotmail.com.

²Mestre em Agricultura e Ambiente pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Avenida Manoel Severino Barbosa – Bom Sucesso, Arapiraca – AL, 57309-005

Recebido: 20.05.2019 Aceito: 20.12.2020

<http://doi.org/10.29327/ouricuri.9.2-5>

Resumo: O estudo objetivou compreender as diversidades de usos e de plantas utilizadas em rituais religiosos de Candomblé, no agreste alagoano. Para atender ao objetivo proposto, as plantas foram categorizadas como místicas, mágicas e medicinais. Assim foram realizadas entrevistas semiestruturadas a partir de visitas aos terreiros de Candomblé, delimitados pelo método da bola-de-neve. As entrevistas foram realizadas com sacerdotes e sacerdotisas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram realizadas entrevistas em 30 terreiros de Candomblé, distribuídos nas cidades de Arapiraca, Campo Alegre, Coité do Nóia, Limoeiro de Anadia e Taquarana, no estado de Alagoas. Entre os entrevistados, 64% eram pertencentes ao sexo feminino (sacerdotisas) e 36% do sexo masculino (sacerdotes), enquanto, os anos que se dedicam à atividade variaram entre 20 - 60 anos. Foram citadas 198 espécies, dentre as quais 177 foram identificadas e distribuídas em 60 famílias. As famílias mais representativas foram: Fabaceae (21 espécies), Lamiaceae (20 espécies), Asteraceae (12 espécies) e Anacardiaceae (12 espécies). Além disso, oito espécies foram identificadas a nível de gênero e 13 espécies foram indeterminadas. A categoria medicinal obteve o maior percentual de espécies (35%) seguida pela categoria mística (16%) e mágica (15%), enquanto 34% das espécies foram distribuídas em mais de uma categoria. Como ações de retorno às comunidades foram distribuídas mudas de plantas solicitadas pelos entrevistados e espécies raras na região. É possível concluir que existe uma ampla diversidade de espécies sendo utilizadas nos espaços religiosos do Candomblé.

Palavras- chave: Religião afro-brasileira; Conhecimento Tradicional; Etnobotânica.

MYSTICAL, MAGICAL AND MEDICINAL USE OF PLANTS IN THE RELIGIOUS RITUALS OF CANDOMBLÉ IN ALAGOAS

Abstract: Thus the study aimed to understand the uses and diversity of plants used in religious rituals of Candomblé in Alagoas. To attain the goal, the plants were categorized as mystical, magical and medicinal. So semistructured from visits to Candomblé delimited by the snowball method interviews were conducted. Interviews followed with priests and priestesses of Candomblé after signing the Informed Consent Form (ICF). 30 interviews in Candomblé distributed in the cities of Arapiraca, Campo Alegre, Coité do Nóia, Limoeiro de Anadia and Taquarana, in the state of Alagoas, were performed in all. 64% of respondents were in females (priestesses) and 36% were male (priests) as the years engaged in the activity ranged between 20-60 years. 198 species were cited, among which 177 were identified and distributed in 60 families. In this case the most representative families were Fabaceae (21 species), Lamiaceae (20 species), Asteraceae (12 species) and Anacardiaceae (12 species). In addition, eight species were identified, and 13 were

indeterminate species. The medical category showed the highest percentage of species (35%) followed by the mystical category (16%) and magic (15%), while 34% of the species were distributed in more than one category. As an action of returning to communities, seedlings requested by respondents and rare species in the region were distributed. We conclude that there is a wide diversity of species were used in religious spaces of Candomblé.

Keywords: Afro-brazilian religion; Traditional Knowledge; Ethnobotany.

USO MÍSTICO, MÁGICO Y MEDICINAL DE PLANTAS EN RITUALES RELIGIOSOS DE CANDOMBLÉ EN EL AGRESTE ALAGOANO

Resumen: El estudio objetivó comprender las diversidades de usos y de plantas utilizadas en rituales religiosos de Candomblé en el agreste Alagoano. Para atender al objetivo propuesto, las plantas fueron categorizadas como místicas, mágicas y medicinales. Así fueron realizadas encuestas semiestructuradas a partir de visitas a los patios de Candomblé, delimitados por el método de la pelota de nieve. Las encuestas fueron realizadas con sacerdotes y sacerdotisas tras la firma del Término de Consentimiento Libre y Esclarecido (TCLE). Fueron realizadas encuestas en 30 patios de Candomblé, distribuidos en las ciudades de Arapiraca, Campo Alegre, Coité do Nóia, Limoeiro de Anadia y Taquarana en el estado de Alagoas. El 64% de los entrevistados eran pertenecientes al sexo femenino (sacerdotisas) y 36% pertenecientes al sexo masculino (sacerdotes), mientras los años que se dedican a la actividad variaran entre 20 y 60 años. Fueron citadas 198 especies, siendo que 177 fueron identificadas y distribuidas en 60 familias. Las familias más representativas fueron: Fabaceae (21 especies), Lamiaceae (20 especies), Asteraceae (12 especies) y Anacardiaceae (12 especies). Más allá de eso, ocho especies fueron identificadas en género y 13 especies fueron indeterminadas. La categoría medicinal obtuvo el más grande porcentual de especies (35%) seguida por la categoría mística (16%) y mágica (15%), mientras 34% de las especies fueron distribuidas en más de una categoría. Como acciones de retorno a las comunidades fueron distribuidas plántulas de plantas solicitadas por los entrevistados y especies raras en la región. Es posible concluir que existe una amplia diversidad de especies siendo utilizadas en los espacios religiosos del Candomblé.

Palabras-clave: Religión afrobrasileña; Conocimiento tradicional; Etnobotánica.

INTRODUÇÃO

A etnobotânica era definida como o estudo das plantas usadas pelos povos primitivos ou aborígenes (Amorozo, 2002). Atualmente, insere-se em um domínio mais amplo, que envolve questões tradicionais, culturais e econômicas (Albuquerque, 2005; Carvalho et al., 2013). No Brasil, estudos com enfoque etnobotânico têm crescido gradativamente, conforme discutido por Oliveira et al. (2009), o que resulta no número significativo de publicações nesta área em muitas regiões do país (Lacerda et al., 2013).

No caso do Nordeste brasileiro, a importância dos trabalhos desenvolvidos em etnobotânica é demonstrada na diversidade de tópicos que abrangem temas como, plantas em espaços religiosos, plantas medicinais e conhecimento botânico tradicional (Albuquerque e Andrade, 2002; Almeida e Albuquerque, 2002; Silva e Andrade, 2005; Mosca e Loiola, 2009; Sales et al., 2009; Léo Neto e Alves, 2010; Oliveira et al., 2010; Paulino et al., 2011; Souza et al., 2012; Lucena et al., 2013).

Oliveira et al. (2009) destacam o uso de plantas como um conhecimento tradicional repassado, principalmente, de forma empírica por meio da tradição oral, o que reflete o valor

simbólico dado à grande diversidade de plantas empregadas principalmente quando se aproximam de crenças religiosas (Ferreira e Souza, 2008). Uma dessas religiões conforme discutido por Prandi (2004), é o Candomblé, religião brasileira dos orixás e outras divindades africanas que se constituiu na Bahia, no século XIX. Marcos dessa religião são o modo de transmissão oral do conhecimento (Moreira et al., 2011) e a presença das plantas em rituais religiosos (Souza et al., 2012).

O Candomblé é definido como manifestação religiosa do culto aos orixás e outras divindades africanas, resultantes da rica interpretação do mundo e das múltiplas etnias africanas que, a partir do século XVI, foram trazidas para o Brasil (Lody, 1987; Silva, 1992; Bastide, 2001; Prandi, 2004). Segundo Pires et al. (2009) o acervo de espécies utilizadas em rituais afro-brasileiros sofreu forte influência ameríndia e europeia, especialmente a portuguesa.

O presente trabalho permeia o universo do conhecimento tradicional sobre plantas e rituais religiosos, na perspectiva de que a região do Agreste alagoano possui forte influência das religiões afro-brasileiras para o uso de plantas. Assim o estudo objetivou compreender os usos e a diversidade de plantas utilizadas em rituais religiosos de candomblé e o poder que as mesmas exercem na crença das pessoas que as utilizam. Para tanto foram traçados objetivos específicos que visam (1) reconhecer e categorizar os usos das plantas no candomblé; (2) gerar uma listagem taxonômica das plantas mais utilizadas em rituais religiosos; (3) definir a importância das plantas em rituais curativos, associados à atenção primária à saúde da comunidade que acessa os terreiros; (4) avaliar as relações e adaptações dos rituais às alterações na ecologia das espécies vegetais utilizadas para diversas finalidades; e (5) promover intervenções de retorno à comunidade em resposta ao conhecimento compartilhado.

As hipóteses que nortearam o desenvolvimento deste trabalho assumem que: (1) a presença do componente vegetal em rituais é essencial, fazendo parte da identidade e da cultura dessa religião; (2) *Babalorixás* e *elalorixás* são muito procurados pela população da região para rituais de cura; e (3) as diversas utilizações das plantas contribuem significativamente para alterações ecológicas em relação a pressão de uso sobre as mesmas.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado em comunidades tradicionais de candomblé da região do Agreste Alagoano. Foram avaliados cinco municípios dessa região: Arapiraca Campo Alegre, Coité do Nóia, Limoeiro de Anadia e Taquarana. Segundo dados do IBGE (2014) esta região possui uma área de 5.271 Km², correspondente a aproximadamente 19% da área do estado de Alagoas (27.793,343 Km²).

Foram realizadas visitas a 30 casas de cultos afro-brasileiros, popularmente chamados de terreiros (Léo Neto e Alves, 2010). Os informantes foram selecionados entre sacerdotes e sacerdotisas de Candomblé da região, popularmente conhecidos por pais e mães-de-santo, já que

conforme ressalta Mandarino et al. (2011), os mesmos acumulam o segredo sobre as folhas em rituais religiosos de Candomblé.

Para a escolha dos entrevistados foi utilizado o método da bola-de-neve (Albuquerque et al., 2010). Esta técnica foi escolhida por permitir que o trabalho etnobotânico com informantes conduza àqueles que por julgamento dos próprios entrevistados detêm grande conhecimento sobre o uso das plantas. Para a realização das entrevistas foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a fim de informar os entrevistados sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos utilizados, e a liberdade do sujeito em participar ou retirar seu consentimento quando desejado. Foram realizadas cinco visitas a cada um dos entrevistados. Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista semi-estruturada, (Albuquerque et al., 2010).

Os formulários continham direcionamentos sobre as plantas empregadas, categorização e preparo, além de informações, como local de coleta, origem e repasse do conhecimento e importância das plantas para os rituais de candomblé. Quando permitidas, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Foram utilizados também registros fotográficos. Para isto foi aplicado em um segundo momento o Termo de Liberação de Imagem (Albuquerque, 2005).

Todo material botânico citado nas entrevistas foi coletado seguindo as especificações de Albuquerque et al. (2010). As coletas foram guiadas pelos entrevistados. Todo material foi identificado e encontra-se depositado no herbário da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). As análises estatísticas foram realizadas através do “Nível de Fidelidade” para testar a categoria “Consenso dos Informantes” e do “Valor de Importância” que permitiu medir a proporção de informantes que citaram uma espécie como mais importante, seguindo as especificações de Albuquerque et al. (2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto ao sexo, 64% dos entrevistados se declararam do sexo feminino (sacerdotisas) e 36% do sexo masculino (sacerdotes). A faixa etária dos entrevistados foi distribuída em quatro categorias: (1) 30 – 40 anos; (2) 41 – 50 anos; (3) 51 - 59 anos; e (4) igual ou superior a 60 anos. A faixa etária mais representativa foi a quatro, seguida da três.

Como discutido por Prandi (2001) e posteriormente por Moreira et al. (2011) no Candomblé os idosos são os depositários da cultura viva do povo, e a convivência com eles é a única maneira de aprender os conhecimentos dos rituais. Em relação à escolaridade, a maioria dos entrevistados (56%) enquadram-se na categoria ensino fundamental incompleto, o que se deve provavelmente a dedicação aos cultos e a necessidade de trabalhar em outras atividades, o que pode inviabilizar a continuação dos estudos. Resultados semelhantes foram encontrados por Souza et al. (2012).

Quanto à distribuição dos entrevistados nas áreas de estudo, 70% residem no município de Arapiraca, 20% no município de Limoeiro de Anadia, enquanto os municípios de Campo

Alegre, Coité do Nóia e Taquarana, incluíram apenas um entrevistado cada, correspondendo a 3,33% dos informantes por município.

Em relação às atividades religiosos que exercem, todos os entrevistados são *Babalorixás* e *Ialorixás* e afirmam pertencer ao Candomblé, sendo preferencialmente denominados como zeladores e zeladoras de cultos, respectivamente, o que se contrapõe às pesquisas de Souza et al. (2012), que têm apontado percentuais significativos de entrevistados que afirmam não pertencer ao Candomblé, mesmo sendo considerados pais e mães de santo.

O tempo em que os entrevistados estão inseridos na religião como sacerdotes variou entre os intervalos: (1) Até 30 anos; (2) 31- 40 anos; (3) 41 – 50 anos; e (4) acima de 50 anos. Esses dados refletem a dedicação dos entrevistados à religião desde os rituais de iniciação, o que leva a compreender que estas comunidades apresentam um conhecimento tradicional que tem sido passado através das gerações (Oliveira et al., 2010; Lacerda et al., 2013).

Quanto à origem do conhecimento em relação aos rituais com plantas destacaram-se três formas de transmissão: (1) Rituais de iniciação; (2) Corrente espiritual; e (3) Influência familiar. A obtenção do conhecimento botânico tradicional foi atribuída principalmente aos rituais de iniciação. Este dado corrobora com a ideia discutida nos estudos de Albuquerque et al. (2005) e Albuquerque (2012).

Em relação ao uso de espécies vegetais, foram citadas 198 espécies, dentre as quais 177 foram identificadas e distribuídas em 60 famílias. Nesse caso as famílias mais representativas foram: Fabaceae (21 espécies), Lamiaceae (20 espécies), Asteraceae (12 espécies) e Anacardiaceae (12 espécies) (). Além disso, oito espécies foram identificadas a nível de gênero e 13 espécies foram indeterminadas (Tabela 1). A identificação foi realizada de acordo com metodologia estabelecida por Lorenzi (2008a) e Lorenzi (2008b) e revisada através da lista de espécies da flora no Brasil, contida no site do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

De acordo com Martins et al. (2013) estudos na área de etnobotânica ressaltam as famílias Fabaceae, Lamiaceae e Asteraceae, como plantas de ampla ocorrência no Brasil, correspondendo a aproximadamente 20% do total de ervas pesquisadas, em consequência da forte utilização de espécies pertencentes a estas famílias nos mais diversos contextos. Resultados semelhantes para estas famílias foram encontrados por Gomes et al. (2008) e Pires et al. (2009) ao pesquisarem a utilização de plantas em terreiros de Candomblé.

Em relação às formas de uso, foram citadas: banhos (53 espécies), benzeduras (3), chás (40), defumações (5), garrafadas (10), macerações (10) e oferendas (12). Dentre as quais se destacaram: banhos e chás. Contudo, a maioria das plantas citadas (65 espécies) possuem mais de uma forma de uso incluindo de duas a sete das categorias listadas acima.

As 198 espécies de plantas avaliadas foram agrupadas em três categorias, de acordo com sua finalidade: (1) Uso místico; (2) Uso mágico e (3) Uso medicinal (Tabela 1).

Tabela 1. Listagem das 198 espécies avaliadas quanto aos usos místico (MI), mágico (MA) e religioso (RE).

FAMÍLIA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	USOS		
			MI	MA	ME
Adoxaceae	Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlttdl			ME
Agavaceae	Espada de são Jorge	<i>Sansevieria zeylanica</i> Willd.	MI	MA	
Alliaceae	Alho	<i>Allium sativum</i> L.		MA	ME
	Cebola branca	<i>Allium cepa</i> L.	MI		ME
	Cebola rocha	<i>Allium cepa</i> L.			ME
Amaranthaceae	Bredo	<i>Amaranthus spinosus</i> L.		MA	
	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.		MA	ME
	Perpetua branca	<i>Gomphrena</i> sp.		MA	ME
	Terra micina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze			ME
Anacardiaceae	Aroeira*	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	MI	MA	ME
	Bom nome	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.			ME
	Brauna	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl.		MA	ME
	Cajarana	<i>Spondias lutea</i> Linn	MI		
	Cajázeira	<i>Spondias mombin</i> L.		MA	
	Cajueiro	<i>Anacardium humile</i> A. St. – Hil.			ME
	Cajueiro vermelho	<i>Anacardium occidentale</i> L.			ME
	Siriguela	<i>Spondias purpurea</i> L.	MI		ME
	Gonsalinho	<i>Astronium concinnum</i> Schott ex preng.		MA	
	Imbuzeiro	<i>Spondias macrocarpa</i> Engl.	MI		ME
Mangueira*	<i>Mangifera indica</i> L.	MI	MA	ME	
	Umbú	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	MI		
Annonaceae	Araticum ou graviola	<i>Annona muricata</i> L.	MI		ME
	Cabeça de nego	<i>Annona donax</i> L.			ME
	Lelecum	<i>Xylopi</i> sp.	MI		
	Pimenta do macaco	<i>Xylopi</i> <i>aromatica</i> (Lam.) Mart			ME
Apiaceae	Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.		MA	
	Endro	<i>Anethum graveolens</i> L.			ME
	Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.			ME
Apocynaceae	Boa tarde	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	MI		
	Bom dia branco	<i>Catharanthus</i> sp.			ME
	Espirradeira	<i>Nerium oleander</i> L.			ME
	Inveja	<i>Vinca minor</i> L.		MA	
	Pereiro branco	<i>Aspidosperma cuspa</i> (Kunth) S.F. Blake ex Pittier			ME
Araceae	Comigo ninguém pode	<i>Dieffenbachia picta</i> (Lodd.) Schott.		MA	
	Golfo água	<i>Pistia stratiotes</i> L.	MI		

MI= Uso místico; MA= Uso mágico; ME= Uso medicinal. *Espécies mais citadas pelos entrevistados. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Tabela 1. Continuação

FAMÍLIA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	USOS		
			MI	MA	ME
Arecaceae	Coqueiro	<i>Cocos nucifera</i> L.		MA	
	Obi	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	MI		
Aristolochiaceae	Jarrinha	<i>Aristolochia labiata</i> Willd	MI	MA	ME
Asphodelaceae	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. F.		MA	
Asteraceae	Anador	<i>Artemisia vulgaris</i> L.			ME
	Assapeixe	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.		MA	
	Balaio de velho	<i>Stipnopapus</i> sp.	MI		ME
	Bem - me – quer	<i>Wedellia trilobata</i> (L.) Hitch.		MA	
	Botão	<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.			ME
	Camomila	<i>Chamomilla recutita</i> (L.)			ME
	Car do santo	<i>Cnicus benedictus</i> L.		MA	
	Espinho turco	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.			ME
	Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.		MA	ME
	Maravilha	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	MI		
Bignoniaceae	Margarida	<i>Calendula officinalis</i> L.	MI		
	Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.			ME
	Acocó	<i>Newbouldia laevis</i> Seem.	MI		
	Coité	<i>Crescentia cujete</i> L.			ME
	Ipê amarelo	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook. f. ex S. Moore			ME
Bixaceae	Ipê branco	<i>Tabebuia</i> sp.			ME
	Ipê roxo	<i>Tabebuia avellaneda</i> Lor. et Gris.			ME
	Urucum / Arucuba	<i>Bixa orellana</i> L.			ME
Brassicaceae	Couve manteiga	<i>Brassica oleracea</i> L.			ME
	Maçã	<i>Malus domestica</i> L. (Borkh)	MI		
	Mostarda	<i>Brassica rapa</i> L.			ME
Bromeliaceae	Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	MI		
	Macambira	<i>Bromelia laciniosa</i> Mart. ex Shult.	MI		
Caryophyllaceae	Cravo branco	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	MI		ME
Celastraceae	Espinheira santa ou alfavaca da costa	<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad)		MA	ME
Clusiaceae	Orobó	<i>Garcinia kola</i> Heckel	MI		
Combretaceae	Mussambê	<i>Terminalia brasiliensis</i> (Cambess. ex A. St.-Hil.)	MI		ME
Convolvulaceae	Batata de purga	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.			ME
Costaceae	Cana da índia	<i>Arundo donax</i> L.			ME

MI= Uso místico; MA= Uso mágico; ME= Uso medicinal. *Espécies mais citadas pelos entrevistados. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Tabela 1. Continuação

FAMÍLIA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	USOS		
			MI	MA	ME
Costaceae	Cana de brejo	<i>Costus spicatus</i> Sw.			ME
Crassulaceae	Courama*	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken		MA	ME
Cucurbitaceae	Abóbora	<i>Curcubita pepo</i> L.	MI		ME
	Cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn			ME
	Jendrioba	<i>Fevillea trilobata</i> L.			ME
	Melancia	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai	MI		ME
	Melão de são Caetano	<i>Momordica charantia</i> L.	MI	MA	ME
Davalliaceae	Samambaia	<i>Phlebodium decumanum</i> (Willd.) J. Sm.		MA	MI
Equisetaceae	Cavalinha	<i>Equisetum giganteum</i> L.			ME
Erythroxylaceae	Catuaba	<i>Tetragastris catuaba</i> Soares da Cunha			ME
Euphorbiaceae	Canelinha	<i>Croton zehntneri</i> Pax. & K. Hoffm			ME
	Carrapateira branca ou roxa / Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	MI	MA	
	Pião branco	<i>Jatropha curcas</i> L.	MI	MA	
	Pião roxo*	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	MI	MA	ME
Fabaceae	Angico	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan.		MA	ME
	Aridan	<i>Tetrapleura tetraptera</i> (Schum & Thur.)	MI		
	Barba de timão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> Mart.		MA	ME
	Canela de velho	<i>Cenostigma macrophyllum</i> Tul. var.		MA	
	Catingueira	<i>Poincianella pyramidalis</i> Tul.			ME
	Fedegoso	<i>Senna spectabilis</i> var. <i>excelsa</i> (Schrad.) H. S. Irwin & Barneby			ME
	Feijão de corda	<i>Vigna unguiculata</i> (L.) Walp.			ME
	Feijão andu	<i>Cajanus cajan</i> L.		MA	
	Imburana de cheiro	<i>Amburana cearenses</i> (Allemão) A.C. Sm.		MA	ME
	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.			ME
	Jurema branca / de caboclo	<i>Mimosa artemisiana</i> Heringer & Paula	MI	MA	ME
	Jurema preta	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	MI		ME
	Jurema roxa	<i>Mimosa</i> sp.	MI		
	Manjerioba	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link		MA	ME
	Mata pasto	<i>Senna alata</i> L.		MA	

MI= Uso místico; MA= Uso mágico; ME= Uso medicinal. *Espécies mais citadas pelos entrevistados. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Tabela 1. Continuação

FAMÍLIA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	USOS		
			MI	MA	ME
Fabaceae	Mororó	<i>Bauhinia forficata</i> Link.			ME
	Mulungu	<i>Erythrina mulungu</i> Mart. & Benth.			ME
	Pau ferro	<i>Caesalpinia paraguariensis</i> (D. Parodi) Burkart			ME
	Rabo de bugi	<i>Lonchocarpus muehlbergianus</i> Hassl			ME
	Sucupira	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel			ME
Solanaceae	Velame	<i>Solanum cernuum</i> Vell.		MA	
Flacourtiaceae	Pau do teiú	<i>Casearia sylvestris</i> Planch.			ME
Illiciaceae	Anil estrelado	<i>Ilicium verum</i> Hook.		MA	ME
Iridaceae	Lírio	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mile). Urb.	MI	MA	
Lamiaceae	Alecrim*	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	MI	MA	ME
	Alecrim de tabuleiro / caboclo	<i>Lippia microphylla</i> Cham.	MI	MA	
	Alecrim do campo	<i>Pectis brevipedunculata</i> Sch. Bip.	MI		
	Alfavaca*	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	MI	MA	ME
	Alfazema	<i>Lavandula angustifolia</i> Mill	MI		
	Alfazema de caboclo	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.		MA	
	Cordão de frade	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.			ME
	Hortelã da folha grande	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	MI		ME
	Hortelã da folha miúda	<i>Mentha piperita</i> L.		MA	ME
	Hortelã de santa bárbara	<i>Mentha pulegium</i> L.	MI	MA	ME
	Hortelã pimenta	<i>Mentha x piperita</i> Var. Citrata (Ehrh) Briq.		MA	
	Manjerição*	<i>Ocimum basilicum</i> L.	MI	MA	ME
	Manjerição miúdo	<i>Ocimum minimum</i> L.		MA	
	Manjerição ouriso	<i>Ocimum tenuiflorum</i> L.			ME
	Manjerona	<i>Origanum vulgare</i> L.		MA	
	Mirra	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	MI	MA	ME
	Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.			ME
	Samba caitá	<i>Hyptis pectinata</i> L.	MI	MA	ME
	Tapete de oxalá ou boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	MI	MA	
Lauraceae	Abacateiro	<i>Persea americana</i> Mill.			ME
	Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume.	MI	MA	ME

MI= Uso místico; MA= Uso mágico; ME= Uso medicinal. *Espécies mais citadas pelos entrevistados. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Tabela 1. Continuação

FAMÍLIA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	USOS		
			MI	MA	ME
Lauraceae	Louro	<i>Laurus nobilis</i> L.			ME
Lythraceae	Romã	<i>Punica granatum</i> L.			ME
Malpighiaceae	Murici	<i>Byrsonima intermedia</i> A. Juss.		MA	
Malvaceae	Algodoeiro	<i>Gossypium barbadense</i> L.	MI		
	Malva branca	<i>Sida cordifolia</i> L.	MI		
	Malva rosa	<i>Malva sylvestris</i> L.		MA	
	Relógio	<i>Sida rhombifolia</i> L.		MA	
Moringaceae	Cedro	<i>Moringa oleifera</i> Lam.			ME
Musaceae	Banana	<i>Musa</i> sp.	MI		
Myrtaceae	Araça	<i>Psidium cattleianum</i> Sabine	MI		
	Cravo da índia	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry		MA	ME
	Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.		MA	ME
	Pitangueira	<i>Eugenia uniflora</i> L.			ME
Myristicaceae	Noz moscada	<i>Virola surinamensis</i> (Rol. ex Rottb.) Warp	MI		ME
Nyctaginaceae	Pegapinto	<i>Boerhavia diffusa</i> L.		MA	
Passifloraceae	Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims	MI		
Pedaliaceae	Gergelim	<i>Sesamum Orientale</i> L.			ME
Poaceae	Bambú	<i>Bambusa vulgaris</i> Schard			ME
	Cana	<i>Saccharum officinarum</i> L.	MI		ME
	Capim santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf		MA	ME
	Gramma	<i>Paspalum notatum</i> (Flügge. Parodi)			ME
	Patchulin	<i>Cymbopogon flexuosos</i> (Nees ex Steud) Will. Watson	MI		ME
Phyllanthaceae	Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.			ME
Phytolaccaceae	Tipi*	<i>Petiveria alliacea</i> L.		MA	
Rhamnaceae	Juá	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.			ME
Rosaceae	Morango	<i>Fragaria vesca</i> L.	MI		
	Pêssego	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	MI		
	Roseira amarela	<i>Rosa eglanteria</i> L.	MI	MA	
	Roseira branca*	<i>Rosa alba</i> L.	MI	MA	ME
	Roseira rosa	<i>Rosa</i> sp.	MI		
Roseira vermelha*	<i>Rosa gallica</i> L.	MI			
Rubiaceae	Café	<i>Coffea arabica</i> L.		MA	
	Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.			ME

MI= Uso místico; MA= Uso mágico; ME= Uso medicinal. *Espécies mais citadas pelos entrevistados. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Tabela 1. Continuação

FAMÍLIA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	USOS		
			MI	MA	ME
Rubiaceae	Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.			ME
	Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.			ME
	Quina	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.			ME
	Vassourinha de botão	<i>Scoparia dulcis</i> L.		MA	ME
Rutaceae	Arruda*	<i>Ruta graveolens</i> L.	MI	MA	ME
	Laranjeira	<i>Citrus aurantium</i> L.	MI	MA	ME
	Limoeiro	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. F.			ME
	Pratudo	<i>Hortia arborea</i> Engl.	MI		ME
Sapotaceae	Quixabeira	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. Ex Roem. & Schult.) T. D. Penn.			ME
Schizaeaceae	Abre-caminho	<i>Lygodium venustum</i> Sw. volubile Sw.		MA	
Selaginellaceae	Jericó	<i>Selaginella convoluta</i> Arn.(Spring)			ME
Siparunaceae	Negra mina	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.			ME
Urticaceae	Urtiga	<i>Urtica dioica</i> L.	MI		
Verbenaceae	Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br.	MI	MA	ME
	Mocotó	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl			ME
Vitaceae	Parreira	<i>Vitis vinifera</i> L.			ME
	Uva	<i>Vitis vinifera</i> L.	MI		
Zingiberaceae	Colônia ou levante*	<i>Alpinia speciosa</i> (Blume) D. Dietr.	MI	MA	ME
Indeterminada	Bejelecum		MI		
	Cazenzo				ME
	Concha de lemanjã			MA	
	Enxerco			MA	ME
	Itaboá				ME
	Kindim				ME
	Mijo de ovelha				ME
	Pai Nicolau				ME
	Panda da costa		MI		
	Sangue alavô			MA	
	Sete pacada		MI		
	Vence tudo			MA	
	Zeregum			MA	

MI= Uso místico; MA= Uso mágico; ME= Uso medicinal. *Espécies mais citadas pelos entrevistados. Fonte: Dados da pesquisa, 2012.

Para a categoria mística foram consideradas plantas destinadas aos orixás como veículos energéticos (Albuquerque et al., 2005; Botelho, 2010; Souza et al., 2012). Na categoria mágica foram distribuídas plantas para rituais de renovação e purificação, a fim de neutralizar energias consideradas negativas e atrair energias positivas (Albuquerque et al., 2005; Pires et al., 2009).

Enquanto, para a categoria medicinal considerou-se as plantas utilizadas para cura, prevenção e tratamento de doenças (Strachulski e Floriani, 2013). A categoria mais representativa foi a categoria medicinal, que obteve 35% das espécies citadas, seguida pela categoria mística (16%) e pela categoria mágica (15%), respectivamente. Esses dados são corroborados por Pires et al. (2009) que ao identificar as diversas espécies utilizadas em rituais de Candomblé na Bahia encontraram um maior percentual de plantas para fins medicinais. Em contraste Souza et al. (2012), ao analisarem plantas utilizadas em terreiros de candomblé no estado de Pernambuco encontraram uma maior diversidade botânica sendo empregada na categoria mística.

A fim de compreender o conhecimento da espécie e a concordância de seu uso no contexto do Candomblé, utilizou-se a técnica Nível de Fidelidade (FL) que se enquadra na categoria Consenso dos Informantes.

Considerando as espécies para finalidades místicas, mágicas e medicinais obteve-se de cada espécie o uso principal aliado a essas três categorias. Com isso foi revelado que as espécies com maior nível de fidelidade para o uso místico foram: malva branca (*Sida cordifolia* L.) 100%, roseira branca (*Rosa alba* L.) 87%, mirra (*Tetradenia riparia* (Hochst.) Codd) 86%, arruda (*Ruta graveolens* L.) 78%, aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão.) 69% e colônia (*Alpinia speciosa* (Blume) D. Dietr.) 67%.

Para a categoria uso mágico obteve destaque: tipí (*Petiveria alliacea* L.) 100%, vassourinha de botão (*Scoparia dulcis* L.) 80%, courama (*Bryophyllum pinnatum* (Lam.) Oken) 67% e pião roxo (*Jatropha gossypifolia* L.) 56%. Na categoria uso medicinal, por sua vez, destacaram-se: barba de timão (*Stryphnodendron adstringens* Mart.) 87%, jurema preta (*Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir.) 80%, hortelã da folha grande (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.) 75%, eucalipto (*Eucalyptus globulus* Labill) 71% e mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) 71%. Resultados similares foram encontrados nos estudos de Pires et al. (2009), Carvalho et al. (2013) e Lacerda et al. (2013).

Segundo dados do IBGE (2014) no território do agreste alagoano existem 380 estabelecimentos de saúde, sendo 314 da rede pública e 66 da rede privada. Entretanto, o alto custo dos medicamentos e as dificuldades da população em receber assistência médica, têm contribuído para o aumento da utilização das plantas como recurso medicinal (Carvalho et al., 2013) levando parcelas significativas da sociedade aos rituais de cura, como os terreiros de Candomblé (Mandarino et al., 2011). Esses dados são corroborados pelos resultados deste estudo em que 100% dos entrevistados declararam recorrer a rituais curativos em candomblés

com frequências que variaram entre constantemente (50% dos entrevistados), ocasionalmente (30%) e raramente (20%).

Lacerda et al. (2013) diz que os princípios ativos se distribuem pelas diferentes partes da planta de forma distinta e, por este motivo a parte vegetal empregada torna-se relevante para conduzir aos resultados esperados.

Em relação às partes vegetais utilizadas, destacaram-se o uso das folhas em 99 espécies (50%), seguida pelos frutos, cascas, flores, sementes, raízes e caules. Entretanto, algumas espécies possuem mais de uma parte utilizada. A preferência no emprego das folhas é corroborada pelos estudos de Oliveira et al. (2010), Costa e Mayworm (2011) e Carvalho et al. (2013). Gomes et al. (2008) relatam que o culto as plantas no Candomblé devem-se à entidade das folhas, chamada *Ossaim*.

Na obtenção das plantas, destacou-se o cultivo, a coleta e a compra de partes vegetais. A coleta em áreas ruderais ou matas, sobressaiu-se sobre o cultivo e a compra em feiras e mercados. Em contraste, Pires et al. (2009) e Lacerda et al. (2013) identificaram que o cultivo de plantas em quintais era a forma mais significativa de obtenção das plantas, principalmente em áreas rurais. Constatou-se que a maioria dos entrevistados utiliza mais de uma forma para encontrar as plantas necessárias.

Botelho (2010) ressalta que quando os Candomblés basicamente se localizavam em território rural, havia uma preocupação e a possibilidade de se manter no próprio terreiro, cultivos de plantas. No entanto, a maioria dos terreiros atuais localiza-se em grandes centros urbanos, impossibilitando o cultivo e muitas vezes a coleta das espécies desejadas.

Nesse sentido, foram citadas algumas espécies que têm se mostrado raras na região: alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), alfazema (*Lavandula angustifolia* Mill), arruda (*Ruta graveolens* L.), barba de timão (*Stryphnodendron adstringens* Mart.), bom nome (*Tapirira guianensis* Aubl.), canela (*Cinnamomum zeylanicum* Blume.), carrapateira (*Ricinus communis* L.), cavalinha (*Equisetum giganteum* L.), cordão de frade (*Leonotis nepetifolia* (L.) R. Br.), erva doce (*Pimpinella anisum* L.), hortelã da folha grande (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.), malva rosa (*Malva sylvestris* L.) e tipi (*Petiveria alliacea* L.).

A extração e pressão de uso de plantas para os mais diversos usos vêm sendo discutidas por vários autores (Aguiar e Barros, 2012; Siviero et al., 2012; Lacerda et al., 2013). Conforme Albuquerque et al. (2005) muitas dessas plantas são, antes de tudo, sagradas ou são a morada de alguma divindade, o que pode ser corroborado pelas seguintes citações dos entrevistados: "...sem as plantas não existe Candomblé. Elas são o verde que dão a vida à religião." (D. B.)/ "O início do Candomblé é a folha, é o sangue verde." (S. A.)/ "No Candomblé as ervas são muito necessárias, são indispensáveis, porque a gente trabalha em cima da natureza." (R. I.)/ "... é como eu disse sem plantas não existe orixá. Os orixás e as plantas são uma coisa só, porque são a natureza." (J. I.).

Quando avaliada a importância das plantas para os rituais de Candomblé, 35 espécies foram classificadas pelos entrevistados como as mais importantes para a religião. Para compreender qual a espécie mais importante, foi utilizada a técnica de Valor de Importância (IVs), que mede a proporção de informantes que citaram uma espécie como mais importante (Albuquerque et al., 2010).

As espécies mais representativas de acordo com o Valor de Importância obtido foram: arruda (0,37), manjeriço (0,37) e alecrim (0,2) - espécies exóticas. Enquanto das espécies nativas as mais significativas foram tipi (0,2) e aroeira (0,17). Foram registradas ainda as exóticas mirra (0,17), tapete de oxalá (0,17), courama (0,13), pinhão roxo (0,13), roseira branca (0,13), colônia ou levante (0,1), alfavaca (0,07), alfazema (0,07), hortelã da folha miúda (0,07), laranjeira (0,07), alho (0,03), anador (0,03), bom dia (0,03), camomila (0,03), capim santo (0,03) carrapateira roxa (0,03), eucalipto (0,03), patchuli (0,03) e roseira vermelha (0,03); e as nativas jurema branca (0,1), baba timão (0,07), jarrinha (0,07), jurema de caboclo (0,07), catingueira (0,03), erva cidreira (0,03), fedegoso (0,03), pitanga (0,03), pratudo (0,03), sucupira (0,03) e vassourinha de botão (0,03). Os números acima citados, entre parênteses, correspondem ao resultado do Valor de Importância de cada espécie, expresso através da fórmula $IVs = nis/n$.

Conforme discutido por Pires et al. (2009) o uso de espécies nativas, associadas à prática de rituais de Candomblé, é a base do funcionamento do culto nos terreiros e na preservação do conhecimento botânico local. Todavia autores como Albuquerque et al. (2005) ressaltam que a partir da ausência de espécies nativas, plantas exóticas passam a ser incorporadas aos rituais, o que corrobora os dados obtidos nesse trabalho.

Observando-se a escassez de determinadas plantas e a importância de algumas espécies para manutenção dos rituais, a proposta de retorno à comunidade foi elaborada a partir da distribuição de mudas de espécies elencadas como raras na região e consideradas importantes, além de outras espécies solicitadas pelos entrevistados. Para esta ação de retorno solicitou-se veículos ao sistema de transporte da UFAL- *campus* de Arapiraca para distribuição direta aos informantes que solicitaram as mudas ou que se mostraram interessados em recebê-las e também à população do entorno dos terreiros indicada pelos próprios entrevistados.

CONCLUSÃO

Uma ampla diversidade de espécies vem sendo utilizadas nos espaços religiosos do Candomblé. Esses rituais envolvem adivinhação, banhos de cura e descarrego, benzeduras, chás, defumações, macerações e oferendas para diversas finalidades, dentre as quais as plantas são elementos de mediação ou ligação com os guias espirituais (entidades).

No tocante ao uso medicinal verificou-se que as plantas são para adeptos de Candomblé e para a população que frequenta rituais de cura, uma alternativa terapêutica influenciada diretamente pelas práticas da religião.

Nota-se também, que no âmbito dos terreiros existe uma grande preocupação em torno da conservação da natureza e do conhecimento popular no uso das espécies vegetais, destacada de várias formas como “insubstituíveis” para as práticas ritualísticas, já que o Candomblé, enfatizado como a religião dos orixás, está ligado à preservação da natureza que é parte fundamental para rituais místicos, mágicos e medicinais.

Verifica-se que o rico conhecimento sobre as plantas é obtido a partir da religião. Além disso, os resultados expressos nesta pesquisa para as espécies raras, de acordo com a percepção dos entrevistados, refletem a importância de futuros trabalhos sobre possíveis substituições de espécies nos rituais, já que o conhecimento das espécies é influenciado diretamente por sua disponibilidade para uso.

REFERÊNCIAS

Aguiar, L. C. G. G.; Barros, R. F. M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense. *Revista brasileira de plantas medicinais*. Botucatu, 14(3), 419-434, 2012.

Albuquerque, U. P. Introdução a etnobotânica. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

Albuquerque, U. P. O dono do segredo: o uso de plantas nos cultos afro-brasileiros. Recife: NUPEEA. 2012.

Albuquerque, U. P.; Andrade, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, São Paulo, 16(3), 273-285, 2002.

Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cunha, L. V. F. C. Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife: NUPEEA. 2010.

Almeida, C. F. C. B. R.; Albuquerque, U. P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no Estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. *Interciência*, 27(6), 276-285, 2002.

Amorozo, M. C. M. A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade. In: XIV Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo, Rio Claro. Palestra. Rio Claro: UNESP. 2002.

Bastide, R. “Catimbó.” *Encantaria Brasileira: o livro dos mestres, caboclos e encantados*. Reginaldo Prandi (Org.). Rio de Janeiro: Pallas. 2001.

Botelho, P. F. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição Afro-brasileira. In: VI ENECULT, 2010, Bahia. Anais... Salvador: Facom UFBA. 2010.

Carvalho, J. S. B.; Martins, J. D. L.; Mendonça, M. C. S.; Lima, L. D. Uso popular das plantas medicinais na comunidade da várzea, Garanhuns-PE. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, 13(2), 58-65, 2013.

Costa, V. P.; Mayworm, M. A. S. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes - município de Extrema, MG, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 13(3), 282-292, 2011.

Ferreira, S. P.; Souza, K. M. P. A morada sagrada. A jurema no espaço religioso afro-brasileiro na cidade de Alhandra, PB. In: VIII Conhecimento em Debate, 2008, Paraíba. Anais... Paraíba: UFPB. 2008.

Gomes, H. H. S.; Dantas, I. C.; Catão, M. H. C. Plantas medicinais: sua utilização nos terreiros de Umbanda e Candomblé na zona leste de cidade de Campina Grande-PB. *Revista de Biologia e Farmácia*, 3(1), 110-129, 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE cidades [online]. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?lang=&coduf=27&search=alagoas>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

Lacerda, J. R. C.; Sousa, J. S.; Sousa, L. C. F. S.; Borges, M. G. B.; Ferreira, R. T. F. V.; Salgado, A. B.; Silva, M. J. S. Conhecimento popular sobre plantas medicinais e sua aplicabilidade em três segmentos da sociedade no município de Pombal, PB. *Agropecuária Científica no Semiárido*, 9(1), 14-23, 2013.

Léo Neto, N. A. L.; Alves, R. R. N. A natureza sagrada do candomblé: análise da construção mística acerca da natureza em terreiros de candomblé no nordeste de Brasil. *Interciência*, 35(8), 568-574, 2010.

Lody, R. *Candomblé: religião e resistência cultural*. São Paulo: Ática. 1987.

Lorenzi, H. *Plantas daninhas: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas*. 4. ed. São Paulo: Instituto Plantarum, 2008a.

Lorenzi, H.; Matos, F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. 2 ed. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 2008b.

Lucena, D. S.; Sousa, P. F.; Marinho, M. G. V.; Ferreira, C. D.; Lopes, I. S.; Medeiros, J. X. Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Lagoa, Sertão Paraibano. *Revista de Biologia e Farmácia*, 9(1), 105-115, 2013.

Mandarino, A. C. S.; Jesus, A. N.; Passy, S. R.; Gomberg, E. Mercado: uma imersão no universo sacro afro-brasileiro. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 5(4), 64-69, 2011.

Martins, W. M. O.; Paiva, F. S.; Bantel, C. A. Etnoconhecimento de plantas de uso medicinal na microregião do vale do Juruá, Acre, Brasil. *Enciclopédia Biosfera*, 9(16), 2540-2547, 2013.

Moreira, P. F. S. D.; Rodrigues Filho, G.; Fusconi, R.; Jacobucci, D. F. C. A bioquímica do candomblé: possibilidades didáticas de aplicação da Lei Federal 10639/03. *Química nova na escola*, 33(2), 85-92, 2011.

Mosca; V. P.; Loiola, M. I. B. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. *Revista Caatinga*, 22(4), 225-234, 2009.

Oliveira, F. C. S.; Barros, R. F. M.; Moita Neto, J. M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Botucatu*, 12(3), 282-301, 2010.

Oliveira, F. C.; Albuquerque, U. P.; Fonseca-Kruel, V. S.; Hanazaki, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, 23(2), 590-605, 2009.

Paulino, R. C.; Henriques, G. P. S. A.; Coelho, M. F. B.; Araújo, P. V. N. Riqueza e importância das plantas medicinais do Rio Grande do Norte. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, 11(1), 157-168, 2011.

Pires, M. V.; Abreu, P. P.; Soares, C. S.; Souza, B.; Mariano, D.; Silva, D. C.; Rocha, E. A.; Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, 7(1), 3-8, 2009.

Prandi, R. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos avançados*, 18(52), 223-238, 2004.

Prandi, R. O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16(47), 43-58, 2001.

Sales, G. P.; Albuquerque, H. N.; Cavalcanti, M. L. F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB. *Revista de Biologia e Ciências da Terra*, Suplemento especial, 1, 31-36, 2009.

Silva, A. C. A enxada e a lança: a África antes dos portugueses. São Paulo: Edusp, 1992.

Silva, A. J. R.; Andrade, L. H. C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, 19(1), 45-60, 2005.

Siviero, A.; Delunardo, T. A.; Haverroth, M.; Oliveira, L. C.; Mendonça, A. M. S. Plantas medicinais em quintais urbanos de Rio Branco, Acre. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, Botucatu- SP, 14(4), 598-610, 2012.

Souza, R. R.; Dantas, I. C.; Sobrinha, L. C.; Chaves, T. P. Plantas utilizadas em fitomagia na cidade de limoeiro. *Revista de Biologia e Farmácia*, 7(2), 92-101, 2012.

Strachulski, J.; Floriani, N. Conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico na comunidade rural de linha cricumal, em Cândido de Abreu-PR. *Revista Geografar*, 8(1), 125-153, 2013.